

# Contributos para a génese e evolução do jornalismo em língua portuguesa

## Contributions to the genesis and evolution of journalism in Portuguese

HOHLFELDT, A.; SOUZA, J. P.; LIMA, H.; BARBOSA, M. C. (Orgs.).

**A history of the press in the portuguese speaking countries.**

1. ed. Lisboa: Midia XXI, 2014. v. 1. 692p.

### Patrícia Oliveira Teixeira

Doutora em Ciência da Informação – Jornalismo – Universidade Fernando Pessoa (UFP), Porto, Portugal. Investigadora do Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ), Lisboa, Portugal.

**SUBMETIDO EM:** 23/10/2014

**ACEITO EM:** 24/11/2014

## RESENHA

### RESUMO

O livro *A History of The Press in The Portuguese-Speaking Countries* foi organizado por Jorge Pedro Sousa e Helena Lima (autores portugueses) e Antonio Hohlfeldt e Marialva Barbosa (autores brasileiros). Além disso, o livro tem contribuições de Álvaro de Matos, Ana Cabrera, Ana Paula Goulart, Antonio Hohlfeldt, Elsa Simões, Helena Lima, Isabel Travancas, Jorge Pedro Sousa, Marialva Barbosa, Sandra Tuna and Xosé López. Escrito em inglês e dividido em nove capítulos, o livro procura dar a conhecer à comunidade internacional a génese e a evolução do jornalismo em língua portuguesa. Em todas as contribuições, o assunto é a história do jornalismo, em particular em Portugal, Brasil, Galiza (norte de Espanha) e colónias de expressão portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do jornalismo; Génese do jornalismo; Português.

### ABSTRACT

The book *A History of The Press in The Portuguese-Speaking Countries* was organized by Jorge Pedro Sousa and Helena Lima (Portuguese authors) and Antonio Hohlfeldt and Marialva Barbosa (Brazilian authors). In addition, the book has contributions from Álvaro de Matos, Ana Cabrera, Ana Paula Goulart, Antonio Hohlfeldt, Elsa Simões, Helena Lima, Isabel Travancas, Jorge Pedro Sousa, Marialva Barbosa, Sandra Tuna and Xosé López. Written in English and divided into 9 chapters, the book gives to the attention of the international community the genesis and evolution of journalism in Portuguese language. In all of them the subject is the history of journalism, in particular in Portugal, Brazil, Galicia (north of Spain) and Portuguese-speaking colonies.

**KEYWORDS:** Journalism history; Genesis of journalism; Portuguese.

O livro *A History of The Press in The Portuguese-Speaking Countries*, organizado por Jorge Pedro Sousa e Helena Lima (Portugal), e por Antonio Hohlfeldt e Marialva Barbosa (Brasil), e com os contributos de Álvaro de Matos, Ana Cabrera, Ana Paula Goulart, Antonio Hohlfeldt, Elsa Simões, Helena Lima, Isabel Travancas, Jorge Pedro Sousa, Marialva Barbosa, Sandra Tuna e Xosé López, dá a conhecer à comunidade internacional (está escrito em inglês) a génese e a evolução do jornalismo em língua portuguesa. Está dividido em nove capítulos. Os primeiros quatro falam sobre a história do jornalismo em Portugal; do quinto ao sétimo aborda-se igualmente a história do jornalismo mas no Brasil; o oitavo foca-se na história da imprensa galega; o nono, e último, é sobre o jornalismo nas colónias de expressão portuguesa.

Em *The Portuguese Press During The Monarchy: From Its Origins to 1910*, de Jorge Pedro Sousa, Elsa Simões e Sandra Tuna, os autores começam por recordar como ocorreu a génese do jornalismo em Portugal, alavancada pela publicação, em 1626, do livro noticioso *Relação*, de Manuel Severim de Faria e confirmada pelo surgimento da *Gazeta “da Restauração”* (1641-1647) – esta é considerada a primeira publicação noticiosa periódica portuguesa – e pelo *Mercúrio Português* (1663-1667), de António de Sousa de Macedo. Abordam, de seguida, a época do Iluminismo, destacando a *Gazeta de Lisboa* (1715), redigida, na sua fase inicial – até 1760 – por José Freire de Montarroi Mascarenhas. Esta publicação veio a tornar-se no actual *Diário da República*. O século XIX foi, contam os autores, o século da explosão da imprensa, devido à junção de uma série de factores. Surgiram diversos jornais, muitos deles segmentados, numa altura em que o interesse pela informação era cada vez maior. Foi também neste século, já na segunda metade, que se assistiu à “industrialização” da imprensa.

O capítulo redigido por Álvaro de Matos intitula-se *The Press in The First Portuguese Republic: Constants and Guiding Principles (1910-1926)*. Nele, o autor começa por referir que, em inícios do século XX, e estando Portugal a passar por profundas mudanças políticas (queda da monarquia e instauração da república), a imprensa da época acabava por reflectir aquilo que se passava no país. E esta teve uma força imensa na mudança de regime que se verificou, bem como nas batalhas políticas que se travaram, pois era nas suas páginas que, amiúde, grandes questões se discutiam, grandes decisões se aprontavam e a opinião pública se formava. Durante a Primeira República, assistiu-se a um aumento no número de publicações, apesar da censura que se fazia sentir (o autor dedica uma parte do seu trabalho a discorrer sobre a censura e a legislação relacionadas com a imprensa), devido a um conjunto de factores. A maioria destas publicações era afectada à causa republicana, sendo que muitos dos jornais monárquicos existentes desapareceram nesta altura. Na última parte do capítulo, Álvaro de Matos vai falando sobre as várias publicações que existiram na época, terminando com uma referência à cidade de Lisboa como “capital do jornalismo na Primeira República”.

Ana Cabrera redige um capítulo sobre o jornalismo durante o Estado Novo (incluindo o período da Ditadura Militar), cujo título é *The Press, Censorship, Family-Owned Businesses and Corporate Groups Under The New State*. A autora refere que, durante este período, a censura à imprensa esteve mais activa que nunca e que várias leis foram criadas no sentido de controlar a informação que circulava, apesar de, muitas vezes, tal ser feito de forma dissimulada e de se pregar o contrário, a liberdade da imprensa. Data igualmente desta época, mais especificamente desde que Salazar subiu ao poder, o uso da informação e do seu respectivo veículo – os jornais – como forma de propaganda (e como forma de controlar/influenciar a opinião pública). Com a subida

de Marcelo Caetano ao poder, em 1968, o uso da informação para propagandear o regime continuou, bem como a censura. O dirigente usava os jornais para explicar as suas acções, para chegar às pessoas e para fazer com que estas aceitassem os seus princípios políticos. No entanto, a censura ia perdendo força (bem como o regime do Estado Novo). A autora termina discorrendo sobre os periódicos da época, descrevendo-os e catalogando-os como mais ou menos próximos do regime, e explicando como estes surgiam (iniciativa privada – com destaque para as empresas familiares e os grupos corporativos).

*The Portuguese Press in The 3rd Republic*, da autoria de Helena Lima, fala da história da imprensa em Portugal, após a queda do Estado Novo, um regime ditatorial que durou 48 anos. A imprensa teve um papel muito importante nos acontecimentos que ditaram o 25 de Abril (foi o meio usado pelas forças revolucionárias para fazerem chegar informação às populações) e, posteriormente, sofreu, segundo a autora, diversas transformações. As primeiras decorreram entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975, correspondendo aos acontecimentos políticos conhecidos como PREC (Processo Revolucionário em Curso). Ocorreram nacionalizações de grupos empresariais detentores de publicações periódicas, ou simplesmente de determinado jornal, deram-se mudanças nas muitas e diferentes administrações e redacções existentes (nomeadamente o afastamento daqueles que eram afectos ao regime que caíra) e continuou a usar-se a imprensa como meio de propaganda, nomeadamente o Governo Provisório. Pensava-se que a tão ansiada liberdade de imprensa era, finalmente, possível, mas não foi bem assim, apesar de se ter mudado a legislação relativa à imprensa. Após os acontecimentos do 25 de Novembro, o Estado continuou a controlar alguns títulos jornalísticos, apesar de também existirem detentores privados (que, muitas vezes, deixavam perceber a sua orientação política). Todas estas mudanças e transformações foram provocando diferentes crises na imprensa, da mais diversa ordem. A autora fala em problemas financeiros, descréscimo no número de tiragens, etc. Mais tarde, já nos anos oitenta, foram as re-privatizações de jornais e a constituição de grupos privados (que viriam a deter diversas publicações) a destacar-se no panorama jornalístico. As publicações foram-se tornando mais apelativas e ganhando a confiança do público. Ao chegar aos anos noventa, os media portugueses viveram aquilo a que se chamou de “idade de ouro”, não só porque o sector cresceu de forma exponencial, mas também porque passou a ter maior influência sobre a vida nacional. Foi também nesta altura que alguns grupos passaram a adoptar soluções multimédia. A autora termina o seu capítulo, com algumas referências aos grupos empresariais jornalísticos da época, bem como aos novos números de tiragens (notou-se uma subida) e às novas tendências, deixando espaço para uma nota para o futuro, que classificou de incerto.

O livro oferece, de seguida, uma apreciação à história da imprensa no Brasil. Começa com um artigo de Marialva Barbosa intitulado *Journalistic Forms in Monarchical Brazil: From The Boom of The Public Word to The Settlement of “News Factories”*, onde é feita uma análise interpretativa à história do jornalismo brasileiro, durante o período colonial e imperial. Neste artigo, a autora começa por falar da primeira publicação jornalística brasileira, a Gazeta do Rio de Janeiro, surgida em 1808, periódico que divulgava informação própria e informação “copiada” de outras publicações (estrangeiras). Por causa de variadas proibições e da censura existentes nesta altura, a Gazeta teve, por uns anos, uma existência solitária. Apenas em 1813 outras duas publicações surgiram, *Idade d’Ouro do Brazil* e *O Patriota*. De seguida, Marialva Barbosa fala do boom de jornais que ocorreu por todo o território brasileiro, entre 1822 e 1840, ou seja,

logo após a independência do país. É também por esta altura que se começa a formar uma esfera pública no país que contribuiu para o surgimento da opinião pública. No entanto, as limitações quanto ao que se podia dizer ainda existiam. A autora também fala de formas jornalísticas mais antigas, em forma manuscrita, que coexistiram com as publicações impressas durante todo o século XIX, o que prova o interesse que despertavam. Na última parte do seu artigo, Marialva Barbosa resume as características que definiram o jornalismo durante a época da monarquia, realçando a forma como se passaram a produzir os jornais, a partir de 1880: de uma forma industrial.

O segundo artigo sobre a história do jornalismo no Brasil é da autoria de Ana Paula Goulart e intitula-se *Press and Republic in Brazil*. Este período, no que à imprensa diz respeito, caracterizou-se, primeiramente, por uma modernização, marcada por contradições e ambiguidades, como refere a autora. Na passagem do século XIX para o XX, o país encontrava-se em mudança acelerada e isso trouxe benefícios para a imprensa, que cresceu exponencialmente e de forma diversificada e se modernizou. Em alguns períodos, nomeadamente no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), o controlo sobre a imprensa fez-se sentir de forma mais acentuada, e era o Estado quem controlava aquilo que era, ou não, publicado. Logo que a ditadura de Vargas terminou, o clima de liberdade voltou a fazer-se sentir e novos títulos surgiram no mercado. Em meados do século, jornalismo e literatura, que se haviam aproximado (uma vez que muitos escritores foram trabalhar para redacções), começaram a distinguir-se e a diferenciar-se. Também nesta altura, a relação entre o jornalismo e a política que era bastante próxima, levando a que a neutralidade que os periódicos reclamavam ficasse, amiúde, longe de ser conseguida, começou a mudar. A informação passou a privilegiar a objectividade e a imparcialidade e, na estrutura do jornalismo brasileiro, adoptou-se a técnica americana do *lead*, a ideia da pirâmide invertida e a estratégia de organizar os factos pela sua importância e pelo seu interesse. Ao entrar na época da ditadura militar de 1964-1984, pensou-se que a imprensa iria sofrer um duro golpe (por causa da censura), mas a grande maioria das publicações conseguiu manter-se, através do recurso a diversas estratégias, e até combater a repressão e impor-se contra o regime. Muitos dos jornalistas desta época resistiram e lutaram contra o regime nas páginas das publicações que representavam. A última parte do artigo de Ana Paula Goulart fala da imprensa a partir de 1985, altura em que se deu redemocratização no país. A modernização fez-se sentir de forma mais acentuada, mas, em termos editoriais, as mudanças não foram de maior. A partir de 1995, a imprensa encontrou novas formas de financiamento, o que permitiu o seu crescimento; na editoria, passaram a privilegiar-se temas mais populares.

O último artigo respeitante ao Brasil intitula-se *Journalists in Brazil* e é de Isabel Travancas. A autora começa por fazer uma referência relativamente ao número de jornalistas brasileiros, em inícios do século XXI. Por exemplo, só no Rio de Janeiro existiam mais de dez mil. Faz também referência ao facto de, desde 2009, não ser necessário ter curso de jornalismo para se exercer a profissão, o que não impediu que os cursos na área de comunicação proliferassem. Relativamente à profissão de jornalista em si, a autora procurou mostrar, através de uma análise cuidada (entrevistas a um grupo de jornalistas, observação directa), como era a profissão (entre finais do século XX, inícios do século XXI) e como é que estes construíam a sua identidade. A maioria dos inquiridos dizia ter muito orgulho na sua profissão e que gostava do que faziam, mesmo que muitas vezes trabalhassem horas a mais, não tivessem férias ou tempo para a família. Mas tal era necessário pois cabia-lhes a responsabilidade de manter

a sociedade informada e a informação não pára, nem tem hora para surgir. Grande parte dos entrevistados referiu ter escolhido a profissão por, em criança, gostar muito de ler e escrever e, já mais tarde, ter escolhido o seu caminho de forma consciente. Quase todos mencionaram ser mal remunerados e apontaram este aspecto como um dos principais problemas da profissão. Consideram que ser esperto, comunicativo, ter iniciativa, saber um pouco de tudo, entre outras, são características de um jornalista típico. Este, dificilmente escapará a ser algo neurótico e boémio e a forma de vestir também é algo que os identifica como jornalistas. Têm tendência a sentir-se poderosos, pela proximidade que têm com determinadas autoridades. Por último, a autora apurou na sua investigação que os jornalistas mais antigos e a nova geração têm, por vezes, dificuldade em lidarem uns com os outros, se bem que estão mais próximos do que imaginam. Percebeu também que é mais difícil para as mulheres atingir o sucesso. E que a ética é, quase sempre, tida em conta, se bem que alguns jornalistas tenham o hábito de interpretar a ética e as suas directrizes de forma muito pessoal.

Finda a história do jornalismo no Brasil, dá-se espaço à do jornalismo galego, a cargo de Xosé López e com o título de *The History of The Galician Press: More Than Two Centuries of Publication in Spanish and Galician*. A arte de imprimir chegou tarde a esta região de Espanha (entre 1480 e 1490), devido à sua localização periférica, e ainda mais tarde (1800) chegaram os periódicos. A primeira publicação periódica conhecida surgiu no século XIX e intitulava-se *El Catón Compostelano* e era semanal. Já as primeiras publicações jornalísticas diárias surgiram em 1808, *Diario de Santiago*, *Diario de La Corunha* e outros três também na Corunha. No entanto, conhecem-se algumas relações, mercúrios e outras publicações ocasionais do século anterior. Nesta fase inicial do jornalismo galego, as vertentes ideológica e opinativa dominavam as linhas editoriais. Do lado da governação não havia, nesta primeira fase, grande preocupação com aquilo que era divulgado e estes ofereceram mesmo o seu apoio aos principais jornais. Rapidamente o número de publicações aumentou e se diversificou, nomeadamente entre os anos de 1868-1875. No entanto, nem sempre foi assim, e houve alturas em que a censura se fez sentir no jornalismo galego. A partir de 1875, dá-se a restauração Bourbon em Espanha e vive-se um clima de estabilidade. Tal viria a marcar a história da imprensa galega, pois várias das publicações que surgiram nesta altura ainda se mantêm nos dias de hoje. Com a Segunda República (1931) e, de seguida, a Ditadura (1939), o jornalismo sofreu mudanças. Na primeira época, cresceu e diversificou-se, pois encontrava-se num ambiente mais favorável; ao entrar na Ditadura, o governo passou a controlar muito daquilo que era publicado e a expansão estagnou. Chegados a 1977, com a restauração democrática, e até ao virar de século, a imprensa ganha novo fôlego e conquista novas liberdades, graças à abolição da censura e a uma nova mentalidade dominante. Foi também uma época em que as redacções se começaram a modernizar. Neste artigo, Xosé López faz ainda menção às publicações em língua galega publicadas fora do país, por emigrantes galegos e termina com uma reflexão sobre os media galegos actuais.

Antonio Hohlfeldt redige o último artigo deste livro. Intitula-se *Journalism in Colonies of Portuguese Expression* e começa por referir que história do jornalismo nas colónias portuguesas variou de local para local. Enquanto que em África foi mais tardia, no século XIX, na Ásia chegou logo no século XVI. O autor refere que a história do jornalismo colonial se pode dividir em três: a imprensa oficial, desde a criação dos boletins oficiais até ao surgimento de uma publicação que circulava fora do controlo político e administrativo das autoridades da colónia; a imprensa livre, desde a criação do primeiro jornal autónomo até à aceitação da profissão de jornalista; e a imprensa profissional,

desde a profissionalização da profissão ao evoluir das redacções. Antes de referir alguma bibliografia sobre o jornalismo colonial e de explicar o método que utilizou para efectuar esta pesquisa, Antonio Hohlfeldt enumera as características comuns apresentadas pelos periódicos que circulavam nas colónias portuguesas (1. As primeiras edições de cada publicação eram sempre enviadas, assim que estavam prontas, para um grupo pré-definido de pessoas; 2. O surgimento de novos jornais numa colónia era notícia noutras colónias; 3. Existia intercâmbio de jornais de umas colónias para outras; por norma traduzidos, e as outras colónias eram assunto para uma peça; 4. Amiúde, as publicações circulavam dentro de um círculo de leitores específico; 5. Todas os periódicos coloniais eram obrigatoriamente enviados para livrarias no Porto e em Lisboa, a fim de serem arquivados; 6. Novos títulos surgiam para substituir aqueles que eram suspensos; 7. Os jornais coloniais não mostravam oposição à condição de colonizados; 8. Existiram longos períodos de censura; 9. O formato e design era semelhante entre todas as publicações; 10. A identificação do editor e do responsável pela publicação, bem como um registo prévio eram obrigatórios.) O autor termina o seu artigo explicando ao detalhe a história do jornalismo em Goa, Angola, Cabo Verde e Moçambique, e, mais superficialmente, Macau, Timor, São Tomé e Guiné-Bissau.